

“

Os missionários que se entregarem ao estudo doutra língua, com o auxílio deste [dicionário português-tetum] poderão facilmente confeccionar um dicionário próprio da língua da sua missão [...] porquanto havendo em todos os reinos quem, mais ou menos, fale *tetum*, podem servir-se deste trabalho como ponto de partida para o estudo da língua que tiverem de aprender.

Sebastião Maria Aparício da Silva (missionário português), *Dicionário Português-Tetum* (1885)

3.2. A ação missionária no ensino

As missões religiosas católicas, autorizadas a entrar, de novo a partir de 1855, desenvolveram um importante trabalho no ensino. O próprio Estado lhes pediu a elaboração de catecismos em tétum e baiqueno, atribuindo-lhes uma subvenção para assegurarem a **instrução**.

A partir de 1877, foi decisiva a intervenção do padre António Joaquim de Medeiros (mais tarde bispo da diocese de Macau, à qual pertencia Timor, desde 1875). O padre Medeiros reorganizou as missões, estabelecendo a cobertura do território, e abriu escolas. A ação dos Jesuítas, especialmente na Missão e colégio de Soibada, e das Irmãs Canossianas, em Díli e Manatuto, foi essencial para a criação de uma **elite timorense** que, a par da religião e da instrução, assimilava os valores ocidentais. Com a implantação da República e as Leis de Separação do Estado das Igrejas (aplicada a Timor, em 1913), a religião católica deixou de ser religião oficial do Estado. Os Jesuítas e as Irmãs Canossianas foram expulsos e as missões conheceram um período difícil. Esta situação foi ultrapassada, em 1919, com a revogação do decreto de 1913, permitindo-se a entrada de missões religiosas «civilizadoras e nacionalizadoras”.

3.3. Resistências internas à penetração da administração portuguesa. De Lacló a Manufahi

A partir da segunda metade do século XIX, paralelamente às alterações na economia e na organização administrativa de Timor Leste, tornaram-se cada vez mais generalizados os sinais da insubmissão timorense. Na viragem do século, a situação tornou-se explosiva (**Doc.16**).

É possível que o primeiro abalo sério tenha ocorrido com o governo de Afonso de Castro. A organização distrital que estabeleceu proporcionava um mais efetivo controlo dos reinos timorenses e anunciava uma política de submissão dos liurais. Além disso, normas como a regulamentação dos enterramentos, opunham-se à tradição; a requisição de prestações em trabalho agravou a dependência das populações.

↑ DOC. 15

Preocupações dos missionários

Atividade

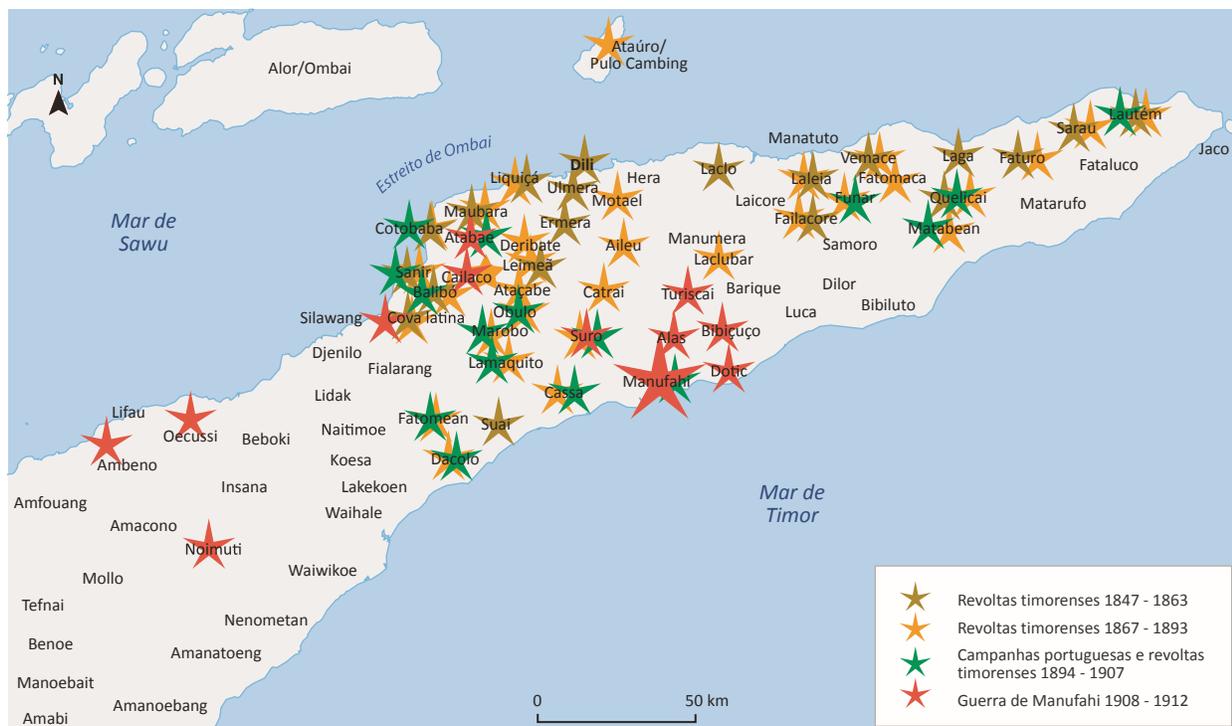
Indica os objetivos do autor do Dicionário (Doc. 15).

Instrução

O Estado mantinha uma escola pública, em Díli, na década de 1860 e duas, na década de 1880. Subsidiava escolas noutras localidades e, pontualmente, alunos que estudavam fora de Timor.

Elite timorense

Durante o governo de Celestino da Silva, os filhos dos chefes timorenses, com mais de sete anos, eram obrigados a frequentar as escolas missionárias.



DOC. 16 ↑
Movimentos de resistência contra a colonização portuguesa (1847-1912)

Atividade

Identifica, por década, as regiões de maior incidência de revoltas.

Fundus

Indianos exilados nas possessões portuguesas, após a revolta dos Cipaios, contra os ingleses.

Festejos rituais

Incluía a apresentação das cabeças dos vencidos, desfiles, **tabedaes** e recebimento de prémios.

Não por acaso, em 1861, fugiram os timorenses obrigados aos trabalhos de construção, em Díli. Na mesma data, os reinos de Lacló e Ulmera amotinaram-se contra os *malai* (estrangeiros). O Governador respondeu em força: mobilizou as companhias de “moradores”, as tropas que incluíam **fundus** e os chineses de Díli; convocou arraiais de reinos fiéis; pediu apoio aos holandeses que enviaram um navio, das Molucas, como presença intimidatória. Lacló foi arrasada e os reinos vencedores tiveram direito ao saque. No centro de Díli, um “arco do triunfo”, com versos de Camões, homenageou os guerreiros timorenses que realizaram, então, **festejos rituais**.

Até aos finais do século XIX, o método utilizado por Portugal, para responder às rebeliões, foi semelhante: recurso às alianças possíveis com os reinos timorenses. Essas alianças exploravam o **funu** – a guerra – prática socialmente aceite em Timor, e economicamente rendosa. Após os conflitos, como medida preventiva de futuras rebeliões, eram lançados perdões pelo governador. O Governo português supria, assim, a escassez de efetivos militares, a insuficiência do armamento e a fragilidade das finanças.

Da década de 1860 à de 1890, os principais motivos de rebelião foram as imposições da administração portuguesa, como a cobrança mais ativa das fintas (agravada, por vezes, pelas exigências de funcionários corruptos), a obrigação de cedência de pessoal para trabalhos públicos e de agricultura, o estabelecimento de postos militares. O sentimento antimalai também apareceu, como na revolta de 1864, contra tropas indianas, e na **revolta de “moradores”**, de 1887.

“

Oficiei ao [governador] holandês em Cupang, pedindo permissão para atravessar com as nossas forças o território de Fialanra e chamei às armas os arraiais de Liquiçá e Oecussi, dispondo as coisas para encetar a segunda parte da campanha logo que me chegassem armas e munições de Macau e os 300 africanos que estavam em viagem [...]. [Após os combates o] reino de Deribate foi declarado extinto, como os de Cotubaba, Sanirihí e Cová; o terreno de Deribate foi dividido pelos reinos de Ermera, Mahubo, Atsabe, Cailaco e Leimean e pelas companhias de moradores desta cidade, que assim o solicitaram, como prémio do seu serviço. [...] Em Deribate reservei como propriedade direta do Estado todo o terreno do bosque de Talo [...], pensando em qualquer empresa agrícola que de futuro se empreendesse [...]. O [governador participou-me] que nada havia a recear do território holandês, pois se conservaria neutral [mas que me prevenia] que os fugitivos de Cová se tinham fortificado perto da fronteira de Loeko, arvorando bandeira holandesa, e que não tinha permitido tal facto [...].

As guerras em Timor devem ser feitas com timorenses, e a ocupação deve manter-se com africanos, e quando não necessitarmos dos timorenses para a guerra, é porque já não haverá guerra, que só os progressos da agricultura, bons comandantes militares e os trabalhos dos missionários evitarão de futuro.

José Celestino da Silva, *Relatório das Operações de Guerra no Distrito Autónomo de Timor no ano de 1896*

Acresce que o Governo se deparava com dificuldades em garantir o apoio dos chefes timorenses que lhe tinham prometido lealdade, uma vez que as ligações de barlaque se sobrepujam aos compromissos estabelecidos com Portugal. Além disso, a venda ilegal de pólvora e armas estimulava as dissensões entre os reinos. Em situações de conflito, o recurso dos timorenses ao refúgio nas regiões dominadas pela Holanda criava instabilidade (**Doc.17**).

Em finais da década de 1880, as rebeliões alastraram e as autoridades coloniais recorreram a outros meios, como em Maubara (1887), bombardeada pela canhoneira *Diu*. A partir do longo governo de Celestino da Silva, que encontrou um grande número de reinos revoltados, a opção foi a de eliminar as rebeliões, em campanhas sistemáticas, ditas de “pacificação” (**Doc. 17**).

Em 22 expedições militares, de 1894 a 1907, o governador quebrou então a resistência de muitos reinos timorenses, cujas terras redistribuiu por outros, como forma de garantir a submissão (**Doc. 17**). Contou com a neutralidade dos holandeses, com armamento moderno e com tropas exteriores enviadas pela metrópole (soldados africanos). No entanto, apesar de sangrentas batalhas, não conseguiu vergar o importante reino de **Manufahi**, líder das revoltas. O seu liurai, D. Duarte Souto Maior, recusara-se a pagar a finta, a fornecer homens, a autorizar o estabelecimento de postos militares no seu reino e a prestar vassalagem ao governador. As campanhas e os processos de Celestino da Silva foram continuados pelo governador Filomeno da Câmara. Quando este chegou a Timor, a situação era novamente de perturbação.

↑ DOC. 17

A guerra em Timor vista pelo governador Celestino da Silva (1894-1896)

Atividade

Comenta as afirmações do governador (Doc.16) sobre a situação em Timor.

Manufahi

Nos finais do séc. XIX, o reino tinha cerca de 42 000 habitantes, 6500 casas, amplos recursos em gado, cereais, café e tabaco, e produção de ourivesaria e armas; a finta a pagar corresponderia a 96 000 réis.

“

Do sistema de fortificações não é fácil dar ideia; mas, contínuas como eram, flanqueando-se umas às outras e aproveitados todos os acidentes de terreno com duas, três e quatro linhas de fogo sobrepostas, com muros de pedra e terra, de dois metros e mais de espessura, mascarados e protegidos exteriormente por sebes de bambu bravo que davam tempo, na ocasião do assalto, a fuzilar vagarosamente e à queimadura os assaltantes, constituía por certo esse sistema de trincheiras, parapeitos, fossos e baluartes, uma obra maravilhosa de defesa. [...] Houve então, por apreensões que se fizeram aos rebeldes, ocasião de ver que eles aproveitavam os cartuchos da espingarda Kropatchek para espingardas de maior calibre, metendo e ajustando os mesmos cartuchos em pequenos canudos de bambu.

Luís Augusto de Oliveira Franco, *A Campanha de Timor de 1912* (1916)

DOC. 18 ↑

A resistência em Leo-Laco

Atividades

1. Explica o que causava a admiração do autor do texto.
2. Debate com os teus colegas de turma a importância das condições que conduziram à Guerra de Manufahi.

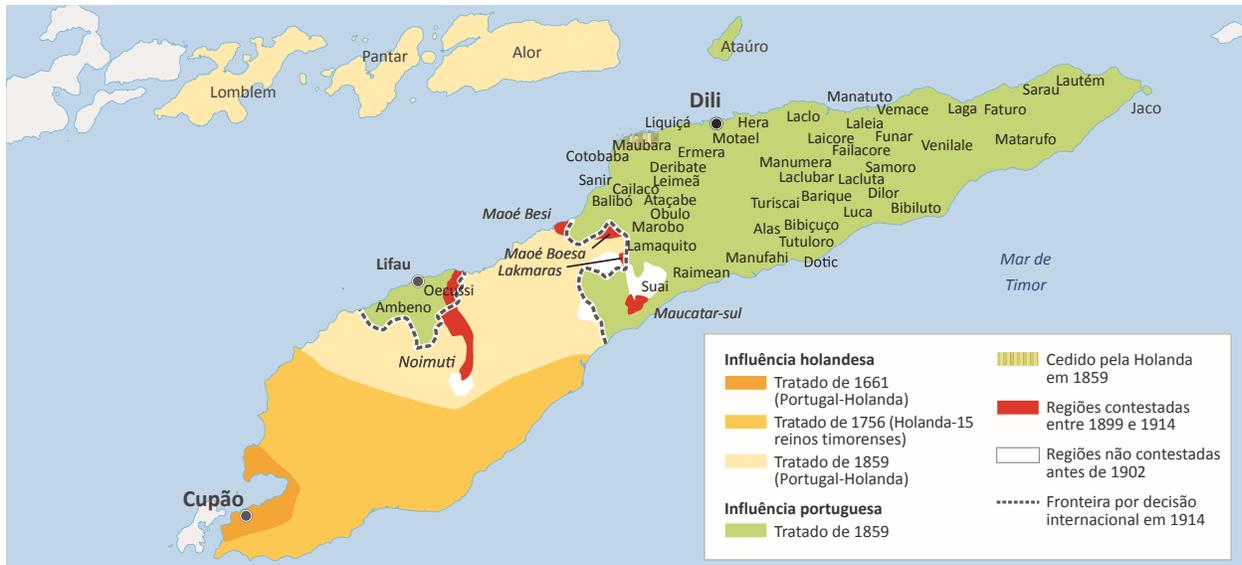
Recenseamento

Em 1910, existiam em Timor Leste 71 reinos e 98 920 chefes de família.

Em Portugal, em 1910, tinha sido proclamada a República. Ora, para os liurais timorenses, essa alteração de regime significava que a entidade a quem tinham jurado lealdade desaparecera, o que se comprovava pela substituição do seu símbolo – a bandeira, objeto *lulic*. É provável também que a mudança de regime, com a valorização de ideais de liberdade e igualdade, propagados por alguns funcionários europeus e timorenses, com ligação aos chefes tradicionais, tenha reforçado o desejo de libertação do regime colonial. O descontentamento das populações tinha entretanto aumentado, em resultado da aplicação da nova legislação para **recenseamento** de pessoas, gado e terras, do aumento do imposto de capitação, e da distribuição de terrenos, ignorando os liurais. As autoridades tradicionais perdiam, assim, influência. A este conjunto complexo de condições adicionou-se o facto de os holandeses incitarem as populações a revoltar-se.

Em 1911, novamente o reino de Manufahi, coligado com outros, tendo agora como liurai D. Boaventura, filho de D. Duarte, tomou a iniciativa da revolta. A guerra que se lhe seguiu durou até 1912. A resistência timorense apoiou-se na determinação da população e num engenhoso sistema de defesa (**Doc. 18**), adaptado ao terreno montanhoso. Mas a superioridade do armamento português, os reforços com tropas africanas e, por fim, a presença da canhoneira *Pátria*, venceram. D. Boaventura terá morrido na prisão. Estima-se que, de 1894 a 1912, tenham morrido cerca de 90 000 timorenses.

Muito está ainda por estudar, relativamente a estes movimentos de resistência anticolonial, nomeadamente no sentido de esclarecer em que medida a revolta de Manufahi anunciou a formação de um sentimento nacional.



4. A transformação do estatuto político administrativo. A Carta Orgânica de Timor

Em 1896, Timor passou a **distrito autónomo**, independente de Macau, mas ainda com ligações económicas àquele território. Por decreto de 1909, recebeu a designação de Província. Após a implantação da República em Portugal, as “Leis Orgânicas das Províncias Ultramarinas” decidiram a sua autonomia administrativa e financeira, embora subordinada à metrópole. A Carta Orgânica de Timor, promulgada em 1917 (Decreto nº 3309, de 23/8), estabeleceu uma **nova divisão administrativa**. Criou, em apoio ao Governador, um Conselho de Governo, em que tinham assento os representantes das forças económicas. Fixou, como “autoridades indígenas”, os régulos – delegados do administrador da circunscrição ou comandante militar – e os chefes de jurisdição e de suco, delegados dos régulos. A eleição das autoridades indígenas seria regulada pelo direito consuetudinário local, e confirmada pelo governador da Província.

4.1. A redefinição da grande fronteira no contexto das transformações internacionais

Em 1893, Portugal e a Holanda acordaram em precisar a delimitação da fronteira e a localização dos enclaves, com um reconhecimento topográfico rigoroso. De 1898 a 1899, expedições dos dois países tentaram a definição, dificultada porém pelo estado de guerra e pelo facto de as populações timorenses serem alheias a essa necessidade. Apesar de uma Convenção, assinada em 1904, por Portugal e pela Holanda, o problema só se resolveu, em 25 de junho de 1914, com a intervenção do Tribunal Internacional de Justiça de Haia, que se pronunciou sobre aquela Convenção (**Doc.19**). Devido à Primeira Guerra Mundial, os territórios acordados só foram permutados em 1 de novembro de 1916.

↑ DOC. 19

A evolução da fronteira (1661-1914)

Atividade

Recorrendo ao que estudaste, nos subtemas relativos a Timor, e aos dados do mapa, elabora uma tabela cronológica relativa à evolução do estabelecimento da fronteira e ao estatuto político-administrativo de Timor Leste.

Distrito autónomo

Apesar da autonomia político-administrativa, Timor continuou a receber subvenção de Macau, até 1909, a subvenção foi oficialmente extinta.

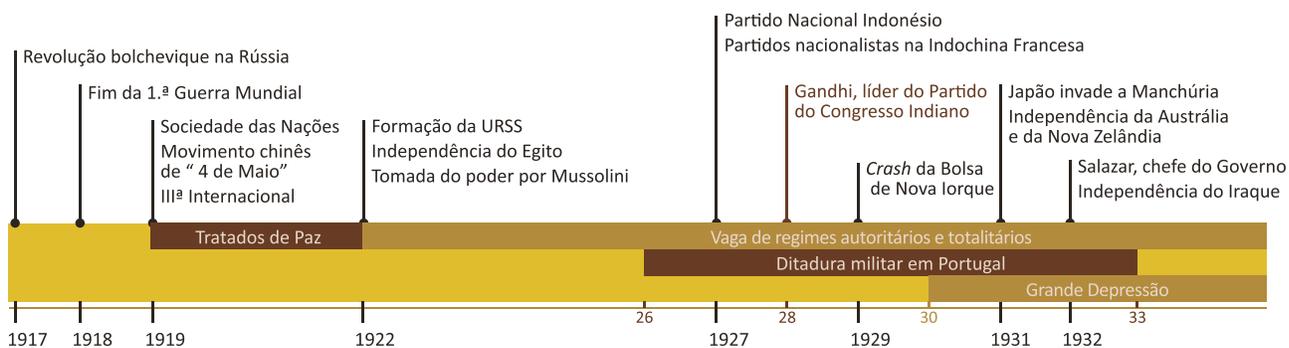
Nova divisão administrativa

Concelho de Dili; circunscrições de Liquiçá, Manatuto e Baucau; comandos militares de Batugadé, Lautem Norte, Lautem Sul, Viqueque, Alas, Suro, Cova-Lima, Bobonaro, Hato-Lia, Aileu e Ambeno-Oecussi.

UNIDADE TEMÁTICA 6

6

DOS ANOS 1920 AO FINAL DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



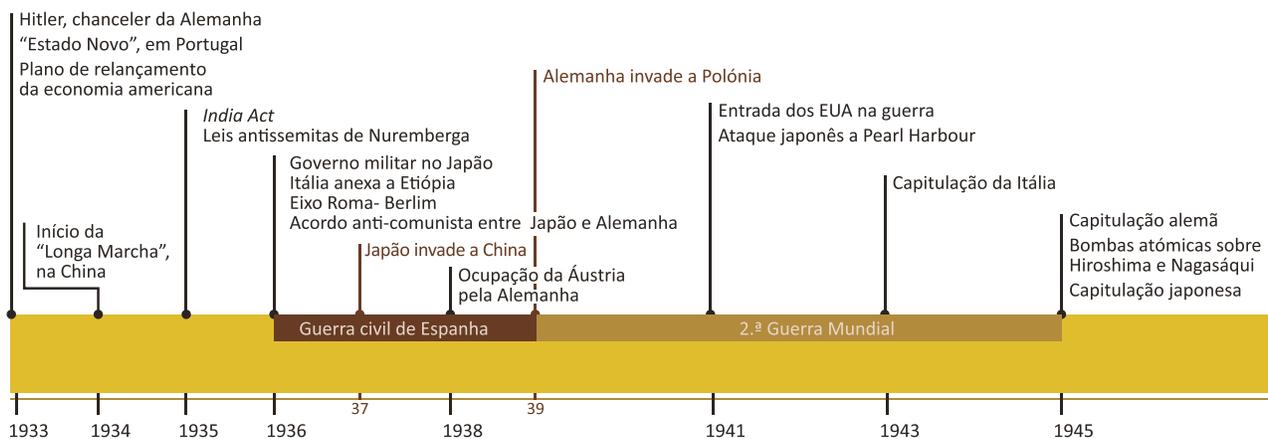
■ Confrontos político-ideológicos à escala mundial



METAS DE APRENDIZAGEM

O aluno:

- Interpreta o conteúdo de documentos relativos aos assuntos em análise.
- Localiza, no tempo e no espaço, os eventos estudados.
- Explica os condicionalismos que contribuíram para o declínio da hegemonia europeia.
- Avalia a importância da revolução socialista na Rússia e o impacto do marxismo-leninismo na Europa e na Ásia.
- Identifica os movimentos políticos e as razões da instabilidade na China republicana.
- Explica as consequências do imperialismo dos Estados Unidos e do Japão, em particular no Pacífico.
- Caracteriza os regimes totalitários, distinguindo particularismos nacionais.
- Relaciona a depressão dos anos 1930 com a expansão dos regimes autoritários e as crises das democracias liberais.
- Explica a formação de movimentos autonomistas e a constituição de novos Estados, na Ásia e em África.
- Identifica os condicionalismos que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial e a sua extensão na Ásia-Pacífico.
- Discute os problemas resultantes de um conflito à escala mundial, dos meios e processos utilizados e das suas consequências.



Confrontos político-ideológicos à escala mundial

DOC. 1 →

A Europa, o Norte de África e o Médio Oriente após a Grande Guerra

Atividades

1. Indica os países que se tornaram independentes, depois da Grande Guerra, como consequência do desmembramento do império austro-húngaro (Doc.1).
2. Indica os Estados que, no Médio Oriente, ficaram sob mandato britânico e francês (Doc.1).



1. O quadro geopolítico mundial nos anos vinte. Estratégias de afirmação dos Estados Unidos e do Japão

1.1. O Mundo do pós-Grande Guerra

A Grande Guerra foi considerada por muitos historiadores como o fim do longo século XIX e início do século XX. Embora os campos de batalha tenham sido localizados sobretudo na Europa, a guerra e as suas consequências afetaram quase todo o Mundo. E como era o Mundo saído da guerra? Quais as principais transformações que decorreram deste grande conflito?

A guerra e os tratados de paz que se lhe seguiram (1919-1922) tiveram como resultado o desmembramento dos impérios russo, austro-húngaro, otomano e alemão (Doc.1). A revolução soviética de 1917, que irás estudar, permitiu a proclamação de independência de alguns povos. O império austro-húngaro deu origem aos chamados “Estados sucessores”.

Kemal Atatürk (1881-1938)
Mustafa Kemal, dito Atatürk ou seja “Pai dos Turcos”, oficial do exército, instaurou a república, de que foi o primeiro presidente até à morte; promoveu a ocidentalização do país.

Em 1923, após o golpe militar de **Kemal Atatürk** ter deposto o sultão, o império otomano tornou-se uma república. Os territórios otomanos do Próximo e Médio Oriente foram transformados em Estados, mas sob **mandato** do Reino Unido, da França e da Itália (Doc.1). A Alemanha, além de ter sido condenada a pesadas indemnizações, perdeu territórios na Europa (Doc.1) e as suas colónias africanas, em favor da França, Reino Unido e Bélgica. Também perdeu, no Pacífico, a parte alemã da Nova Guiné, e ilhas a norte e sul do Equador, que passaram para o domínio da Austrália, da Nova Zelândia e do Japão.



1.2. O crescimento económico dos Estados Unidos nos anos vinte

Antes do início da Grande Guerra, os Estados Unidos da América (EUA) tinham-se tornado já uma grande potência industrial. As razões que explicam esta situação deviam-se a vários fatores, entre os quais o sistema de organização do trabalho, que já estudaste, e que permitiam um aumento da produtividade com redução de tempo e de custos. Tinham um enorme mercado interno em expansão e, além de produtos agrícolas, eram igualmente exportadores de produtos industriais (**Doc. 2**). Durante a guerra, a economia americana desenvolveu-se ainda mais, devido ao facto de venderem os seus produtos a países europeus. Os pagamentos tinham de ser efetuados em dólares ou em ouro. Embora os Estados Unidos tenham participado na guerra, o seu território não foi afetado. Apesar de ter participado na guerra, o território dos Estados Unidos não foi afetado. Ficaram, pois, numa situação muito vantajosa relativamente à Europa, já em perda de hegemonia, e com grandes destruições causadas pelo conflito. Quando a guerra terminou, os Estados Unidos, que eram importadores de capitais da Grã-Bretanha, França e Alemanha, tornaram-se exportadores e transformaram-se de devedores em credores. Em 1913, tinham 13 sucursais de bancos no estrangeiro e, em 1930, 238 sucursais em 38 países; os bancos americanos participavam em empresas estrangeiras e faziam empréstimos. Em 1919, o seu crédito líquido no mundo era de 3 700 milhões de dólares e, em 1929, tinham mais de 17 mil milhões de capitais investidos no exterior. A sociedade americana podia considerar-se já uma sociedade de consumo - aumentou a procura de bens, facilitada pelas vendas a crédito e promovida pela publicidade. Carros, eletrodomésticos, rádio e telefone tornaram-se acessíveis a um maior número de pessoas. Em 1929, havia 8 milhões de emissores de rádio (60 000, em 1922) e 26 650 000 automóveis (mais de 1 milhão antes da guerra). A estes novos produtos de uma indústria em expansão estavam associadas a extração de petróleo e a produção da eletricidade. Apesar de o carvão continuar a ser utilizado, o petróleo era a fonte de energia para automóveis e aviões e, cada vez mais, para os navios.

Produção de aço bruto	1921	1929
Estados Unidos	20,1	57,3
Mundo	44,6	120,5

Produção de alumínio	1921	1929
Estados Unidos	24,5	103,4
Mundo	75,0	270,0

↑ DOC. 2

Produções industriais nos EUA

← DOC. 3

Ganso de Lata – Ford 4AT

Avião trimotor para 12 passageiros, construído pela **Ford**, com voo inaugural em 11 de junho de 1926.

Atividades

1. Recorrendo aos dados contidos no texto explicativo (págs 109 e 110), elabora tabelas comparativas das produções americanas, no início da década de 1920 e em 1929.
2. Explica a importância das principais produções industriais dos EUA (Doc. 2).

Ford, Henry (1863-1947)

Empresário norte-americano que aplicou a estandardização à indústria automóvel; subiu o salário dos operários, aumentando o seu poder de compra, reduziu para 8 horas o tempo de trabalho, em fábricas que funcionavam continuamente por turnos, conseguindo baixar os custos da produção.

	1915-19	1920-24
Têxteis	152	185
Metais	162	244
Química	186	252
Indústrias alimentares	123	170
Electricidade e gás	198	356
Diversos	248	190

1910-1914= índice 100

DOC. 4 ↑
Produção industrial no Japão

DOC. 5 →
Endoutrinação das crianças japonesas

Atividades

1. Indica as duas produções industriais que mais cresceram no Japão, entre 1920 e 1924 (Doc. 4). Explica a razão da sua importância.

2. Explicita o motivo que é apresentado para a invasão da Manchúria (Doc.5). Pensas que havia outras razões? Indica quais eram.

Travessias aéreas

Em 1922, os portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral ligaram Lisboa ao Rio de Janeiro e, em 1927, o americano Charles Lindbergh atravessou o Atlântico Norte, sem escala, voando de Nova Iorque a Paris.

Zaibatsu

Grande consórcio ou companhia de natureza financeira, nas mãos de algumas famílias.

“

Entrevistador: O que foi o incidente da Manchúria?

Kato: Os chineses insultaram-nos e os nossos soldados combateram-nos na Manchúria, como vingança.

Entrevistador: A Sociedade das Nações reagiu recentemente com muito alarido. O que pensas da Sociedade das Nações?

Kato: É um lugar onde os cobardes do Mundo se juntam para conversar.

Debate numa Escola Básica, publicado no jornal *Asahi Gurfu*, 1 de janeiro de 1932

A produção de petróleo nos Estados Unidos cresceu de 52 000 toneladas, em 1919, para 138 000, em 1929. As **travessias aéreas** realizadas na década de 1920 deram um impulso a uma incipiente aviação comercial (**Doc. 3**).

1.3. O Japão - economia e expansão territorial

À semelhança dos Estados Unidos, o Japão estava em ascensão antes da eclosão da Grande Guerra. Também entrou no conflito, ao lado dos Aliados, mas, sem participação direta nos campos de batalha, beneficiou igualmente das condições que a guerra lhe proporcionou. Por um lado, pôde fornecer e transportar munições e bens alimentares; por outro lado, pôde exercer maior pressão sobre a China e aproveitar a ausência das potências ocidentais no Oriente. A sua produção industrial aumentou significativamente, bem como a do aço e do ferro; a frota mercantil duplicou; os têxteis japoneses afirmaram-se no Sudeste asiático e mesmo na Oceânia. Após o final da guerra, apesar de uma crise em 1920-22, agravada por um tremor de terra que, em 1923, destruiu as cidades de Tóquio e de Yokoama, a economia japonesa continuou a consolidar-se (**Doc. 4**). A população tinha aumentado bastante (55 milhões, em 1919), o que possibilitou abundância de mão de obra, a baixos preços, embora também levasse à procura de terras de colonização (**Doc. 5**).

Além destes fatores, também a organização concentrada de indústria bem equipada e do comércio, os **zaibatsu**, fizeram do Japão a terceira potência mundial, competindo com a Europa e com os Estados Unidos. No entanto, a economia japonesa necessitava de matérias-primas de que o seu território não dispunha. Importava ferro da China e da Malásia, carvão da Manchúria e, desde 1905, tinha uma força militar naquele território. Em 1910, tinha conquistado a Coreia; tinha anexado a Formosa (Taiwan) em 1895 e, depois da Grande Guerra, como já sabes, obteve a maior parte das colónias alemãs no Pacífico. Em 1931, um incidente provocado por militares japoneses levou à ocupação da Manchúria, teoricamente um estado independente mas, de facto, um protetorado (**Doc. 5**).

“

Por toda a parte há pequenas tribunas onde oradores falam à multidão [...]. O tom dos discursos é bastante violento. Os capitalistas e os burgueses são insultados. [...] Ouvi um operário, um estudante [...]. Também falaram vários soldados. Todos querem o fim da guerra e reclamam a *Internacional*: “Para que servem as fronteiras àqueles que não têm pão? Só o dinheiro conta: vamos procurá-lo onde se encontra [...] e estabelecer a paz universal!” A multidão aplaude [...]. Depois falou um soldado muito jovem que regressou das trincheiras e conta o que sofreu, concluindo pela necessidade de acabar com esta guerra que pesa sobre o povo [...].

Louis de Robien, *Journal d'un diplomate en Russie* (1917-1918)

← DOC. 6

Agitação em Petrogrado, em 1 de maio de 1917

Atividade

A partir do documento 6 e do texto explicativo, descreve a situação da Rússia entre a revolução de fevereiro e a revolução de outubro de 1917.

2. A implantação do comunismo na Rússia; a formação da URSS

2.1. As revoluções russas de 1917

Na Rússia, em março de 1917 (fevereiro, no **calendário ortodoxo**), uma insurreição em **Petrogrado**, resultante de manifestações populares e de greves contra a fome e contra a guerra, levou à abdicação do czar Nicolau II, tendo-se formado um governo provisório. Dominado por **partidos políticos** “burgueses”, o governo provisório procurou estabelecer um regime parlamentar. Foram, então, concedidas liberdades fundamentais de opinião, de expressão e de reunião; foi, ainda, prometida a eleição democrática de uma assembleia constituinte.

Contudo, os governos saídos desta revolução não conseguiram resolver os problemas com que a Rússia se debatia, problemas esses agravados pelo facto de então se manter na guerra e de estar a sofrer pesadas derrotas frente aos alemães (**Doc.6**). O descontentamento provocado pela guerra e pela fome contribuiu para o clima de agitação política e social, sobretudo entre os operários e os soldados regressados das frentes de combate. Este ambiente revolucionário favoreceu a ação dos partidos políticos que perfilhavam as ideias socialistas.

Por outro lado, formaram-se por toda a Rússia **soviets**, conselhos de operários, soldados ou camponeses. Um dos soviets mais ativos era o de Petrogrado, onde os **bolcheviques** tinham um papel importante e conduziram o processo revolucionário.

Calendário ortodoxo

Estabelecido no séc. I a. C., era seguido pela cristandade oriental; tem uma diferença de 13 dias, relativamente ao calendário do Ocidente, reformado no séc.XVI, que é hoje o mais utilizado no Mundo.

Petrogrado

A cidade fundada por Pedro, o Grande, com o nome de S. Petersburgo, mais tarde chamada Leninegrado, tem atualmente a designação inicial.

Soviets

Conselhos ou pequenas assembleias populares, inicialmente de operários, que se tinham constituído nas grandes cidades e organizado greves, desde o início do séc. XX.

Bolchevique

Grupo maioritário do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), de tendência revolucionária que, liderado por Lenine, se tinha tornado autónomo e deu mais tarde origem ao Partido Comunista.

“

Ao educar o partido operário, o marxismo educa uma vanguarda, o proletariado, capaz de tomar o poder e de levar o povo inteiro ao socialismo... de ser o guia e chefe de todos os trabalhadores e explorados.

Lenine,
A doença infantil do comunismo (1920)



DOC. 7 ↑
O partido do proletariado

DOC. 8 →
Lenine a discursar num comício,
em 1920

Os bolcheviques orientavam-se pela doutrina marxista e queriam que a **revolução socialista** levasse ao **comunismo**, a construção de uma sociedade sem classes. Eram conduzidos por **Lenine** e **Trotsky**. Lenine tinha interpretado as ideias de Karl Marx, procurando adaptá-las à situação russa, dando origem ao que se designa como **marxismo-leninismo**.

Atividades

1. Indica que papel Lenine atribuía ao proletariado (Doc.7).
2. Ao observares a imagem (Doc.8), podes tirar alguma conclusão sobre a importância de Lenine, durante a revolução bolchevique? Justifica a tua resposta.

Depois da revolução de fevereiro, os bolcheviques tinham-se organizado e criado uma milícia popular, os “guardas vermelhos”. Na noite de 6 para 7 de novembro de 1917 (outubro, no calendário ortodoxo), os guardas vermelhos, com o apoio de soldados partidários da revolução, ocuparam os pontos estratégicos de Petrogrado. O Palácio de Inverno, onde estava instalado o governo, foi atingido por canhões do navio de guerra *Aurora*. O governo provisório capitulou, e os bolcheviques tomaram o poder.

Em Petrogrado, o Congresso dos Sovietes nomeou um Conselho dos Comissários do Povo, presidido por Lenine, de que Trotsky e **Estaline** também faziam parte.

2.2. Realizações e problemas da Revolução de outubro

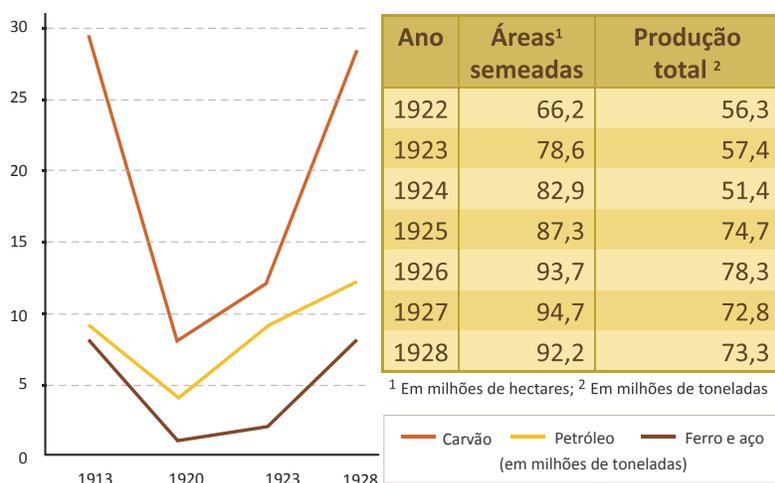
Após a vitória, o Conselho dos Comissários do Povo tomou medidas revolucionárias, tais como os decretos sobre a paz (na guerra contra a Alemanha), sobre a terra, sobre as empresas industriais e sobre as nacionalidades.

As terras foram retiradas aos grandes proprietários e entregues aos soviets, mantendo-se a pequena propriedade. As empresas industriais passaram para o controlo dos operários. As nacionalidades que formavam o antigo império russo foram consideradas iguais e soberanas. E a paz, que muitos desejavam, foi conseguida, em março de 1918, com a assinatura de um tratado com a Alemanha, a paz de Brest-Litovsk, muito penalizadora para a Rússia. Continuavam, porém, a existir graves problemas: havia falta de mantimentos, sobretudo nas cidades, havia revoltas e uma guerra civil entre os partidários da revolução e os partidários do czar. Estes eram auxiliados por países como

Lenine (1870-1924)
Vladimir Ulianov foi o ideólogo e político determinante da vitória bolchevique em 1917 e, como Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, dirigente máximo da Rússia e da URSS, até à sua morte.

Trotsky (1879-1940)
Léon Bronstein dirigia o soviete de Petrogrado em 1917, organizou a revolução de outubro e, também, o Exército Vermelho, durante a guerra civil. Excluído do Partido (1927) e exilado (1929), foi assassinado no México por um agente estalinista.

Estaline (1879-1953)
Joseph Djughachvili, além de comissário para as nacionalidades, tornou-se em 1922 secretário do Partido Comunista, o que lhe possibilitou, após a morte de Lenine, afastar Trotsky e tomar o poder que exerceu até à morte.



“
Somos estúpidos e fracos: habituámo-nos a dizer que o socialismo é um bem e o capitalismo, um mal. Mas só em relação ao socialismo o capitalismo é um mal: em relação à Idade Média, na qual a Rússia se encontra ainda, o capitalismo é um bem.

Lenine, artigo publicado a 28 de abril de 1921, *Krasnaia Nov*

a França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Japão, com receio de que a revolução bolchevique alastrasse aos seus territórios.

↑ **DOC. 9** (à direita)
Lenine justifica a NEP

Em 1921, o Exército Vermelho, organizado por Trotsky, venceu os partidários do czarismo. A situação de guerra civil levou o Governo a centralizar a economia, nacionalizando os principais meios de produção e retirando o controlo popular proclamado pelos decretos de 1917. Estas medidas foram designadas como “comunismo de guerra”.

← **DOC. 10** (à esquerda)
Produção agrícola e industrial (1913-1928)

Em 1921, a situação económica continuava muito difícil, com destruição de grande parte das linhas férreas, com quebra da produção industrial e agrícola, agravada por secas que provocaram a morte de milhões de pessoas. A população das duas principais cidades, Petrogrado e Moscovo, a nova capital, diminuiu bastante. Neste contexto, foi decidido pôr em prática uma nova política económica, a **NEP (Doc. 9)**. O Estado continuava a ter o monopólio dos transportes, dos bancos, da grande indústria, da energia e do comércio externo, mas a coletivização das terras foi interrompida. Os artesãos, pequenos industriais e camponeses passaram a poder vender os seus produtos, mediante o pagamento de impostos.

Atividades

1. Analisa os dados apresentados na tabela e no gráfico (Doc.10).
2. Concordas com as afirmações de Lenine acerca da NEP? Justifica a resposta.

Esta nova política possibilitou a recuperação da economia, com aumento da produção agrícola, da pequena indústria e do comércio (**Doc. 10**).

NEP
Sigla derivada do inglês, New Economic Policy; a Nova Política Económica foi posta em vigor em 1921, e consistiu num regresso parcial à economia de mercado.

Em 1918, o Congresso dos Sovietes, onde a representação dos operários era maioritária, tinha aprovado uma constituição. O poder executivo foi entregue ao Conselho dos Comissários do Povo, mas este confundia-se com a cúpula política do partido bolchevique, que passou a chamar-se Partido Comunista. No que respeita à condição feminina, as mulheres passaram a ter igualdade jurídica, direito de voto e licença de maternidade. No entanto, a oposição foi proibida e constituída uma polícia política, a Tcheka.



DOC. 11 ↑
A URSS em 1936

Atividade

Observa o mapa e indica que países constituíam a URSS, em 1936. Procura saber qual a situação em que se encontram esses países, na atualidade.

Camponeses sem terra

Na Rússia, em 1861, tinha sido abolida a servidão dos camponeses em relação aos grandes senhores, mas o direito de propriedade continuava limitado e a maioria das terras pertencia aos senhores e ao Estado.

Apesar da liberalização económica permitida pela NEP, Lenine endureceu o regime, perseguindo os opositores políticos, depois de revoltas que ocorreram em 1921. O Partido Comunista era o único partido político autorizado.

2.3. A fundação da União Soviética

Em 1918, a Rússia tornou-se República Socialista Federativa dos Sovietes da Rússia, constituída também por várias repúblicas autónomas, não russas. Em 1922, formou-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com as repúblicas soviéticas da Ucrânia, da Bielorrússia e da Transcaucásia, com as quais já havia acordos comerciais e militares (**Doc. 11**). Neste Estado multinacional e multiétnico foi adotado o modelo federal, com uma constituição comum, aprovada em 1924. Em cada república, os soviets locais elegiam os representantes ao Congresso dos Sovietes da União, semelhante a um parlamento.

Em 1924, o Turquemenistão e o Uzbequistão passaram a fazer parte da URSS que, em 1936, integrou outras repúblicas do antigo império russo (**Doc. 11**).

2.4. O marxismo-leninismo: seu impacto na Europa e na Ásia

Na Rússia, anteriormente às revoluções de 1917, a grande maioria da população, cerca de 80%, era constituída por **camponeses sem terra**. Como a

Alemanha	1918
Áustria	
Hungria	
França	1920
Grã-Bretanha	
Espanha	
Itália	1921
Portugal	

Indonésia	1920
China	1921
Japão	1922
Indochina	1925
«Mares do Sul» (Malásia, Singapura)	1926
Filipinas	1930

← **DOC. 12**
Formação de Partidos Comunistas na Europa

← **DOC. 13**
Formação de Partidos Comunistas na Ásia

industrialização tinha sido tardia, o operariado urbano era pouco numeroso (cerca de 2%).

Lenine pôs em prática as ideias de Marx e de Engels (ver págs. 68 e 69), numa sociedade que não reunia as condições previstas por Marx para a tomada de poder pelo proletariado. Ao contrário de Marx, Lenine pensava que a revolução socialista podia começar em países, como a Rússia, onde o capitalismo não era dominante, sem passar pela revolução burguesa e pela democracia parlamentar. Considerava, ainda, a necessidade da tomada de poder pela via revolucionária, impondo a ditadura do proletariado e o **centralismo democrático**, manifestados na identificação do Estado com o Partido Comunista, segundo o marxismo-leninismo, a vanguarda da classe operária. Para Lenine, a revolução socialista tinha mais possibilidades de ser implantada na Ásia do que na Europa ocidental, devido à enorme massa demográfica de países como a China e a Índia.

A revolução russa de outubro de 1917 foi a primeira no mundo em que as ideias marxistas foram aplicadas. A importância desta vitória teve reflexos em muitos países; nos anos que se seguiram, formaram-se vários partidos comunistas (**Docs.12 e 13**). Houve, ainda, movimentos revolucionários que procuraram instaurar regimes semelhantes ao da Rússia. Assim aconteceu em janeiro de 1919, na Alemanha, onde a revolução foi vencida, e em março do mesmo ano, na Hungria onde, por poucos meses, chegou a estabelecer-se um governo comunista. Na Ásia, a influência do marxismo-leninismo foi determinante em alguns países, como a China, e em regiões que ainda se encontravam sob domínio colonial, como a atual Indonésia.

Mesmo em países com democracias parlamentares, foram criados partidos comunistas que, mais tarde, participaram em governos de frentes populares, como em França e em Espanha (1936). No início da década de 1920, as ideias revolucionárias manifestaram-se também no apoio a greves, na Grã-Bretanha, em França e na Itália.

Atividades

1. Localiza, no planisfério político, os países indicados nos quadros.
2. Explica as razões que levaram, neste período, à formação de partidos comunistas, na Europa e na Ásia.

Centralismo democrático

Princípio segundo o qual a eleição dos dirigentes parte das bases, as quais têm, contudo, de cumprir obrigatoriamente as decisões tomadas pelas cúpulas.



DOC. 14 ↑
Manifestação de 4 de maio (1919)

DOC. 15 →
“Longa vida à República”
(legenda)

As três bandeiras: à esquerda a do exército, à direita a de Sun Zhongshan (atualmente de Taiwan) e, ao centro, a 1.ª bandeira da República (as cinco cores representam as diferentes etnias).

Atividade

Procura mais informações sobre a vida de Sun Zhongshan, a sua ação política e elabora uma breve biografia.

Sun Zhongshan (1866-1925)
Médico e político, líder revolucionário nacionalista; lutou pelo estabelecimento da república na China, e pela unificação do País. É referido como “Pai da Nação”.

Yuan-Shikai (1859-1916)
General e político, presidente da República da China em 1912, proclamou-se imperador em 1915; obrigado a deixar o trono, em março de 1916, morreu uns meses depois.



3. A China republicana: instabilidade interna; nacionalismo e comunismo

3.1. A situação da China no início da década de 1920

A China, como já estudaste, atravessou no século XIX um período de dominação económica por parte das grandes potências, que deu origem a movimentos de revolta, reprimidos pelas armas. Em 1905, **Sun Zhongshan** (Sun Yatsen) fundou o Tongmenghui (Liga Chinesa Unida ou Aliança Revolucionária Chinesa) que deu origem ao Guomindang (Partido Nacional do Povo). O programa do Guomindang inspirava-se em três princípios: nacionalismo, democracia e socialismo. Em 1911, uma revolução depôs a dinastia manchú dos Qing e, em 1912, foi proclamada a república, em Nanjing. Sun Zhongshan tornou-se presidente provisório, mas foi afastado, meses depois, por **Yuan-Shikai** que estabeleceu, em Beijing, um regime militar. Com divisões internas, a China continuou dependente das potências imperialistas e o novo regime não conseguiu impor-se em todo o território.

A China participou na Grande Guerra, com mais de 100 mil homens nos campos de batalha, mas terminado o conflito, a Conferência de Paz de Paris (1919) recusou-se a retirar as concessões atribuídas anteriormente às potências estrangeiras. O tratado de Versailles confirmou esta dependência económica e transferiu para o Japão os direitos que a Alemanha detinha em território chinês, em Shandong. Esta decisão deu origem, em maio e junho de 1919, a um protesto de grandes dimensões, com manifestações, greves e boicote de produtos japoneses, designado como “Movimento de 4 de maio” (**Doc. 14**). A situação mostrou-se, pois, favorável ao crescimento do Guomindang e dos seus princípios nacionalistas. Mas a China era representada por dois governos: o governo de Sun Zhongshan (**Doc.15**), no Sul, e o governo de Beijing, que era reconhecido pelas grandes potências. Contudo, a maior parte do país era dominada pelos *dujun*, senhores da guerra locais, que se combatiam mutuamente e enriqueciam com as taxas que impunham às populações.



Sun Zhongshan compreendeu rapidamente que, para poder unificar a China, teria de combater também o domínio económico, quer dos japoneses, quer das potências ocidentais. Tendo procurado, sem êxito, o apoio do Ocidente, foi a URSS que lhe enviou instrutores militares. Aliou-se, então, ao Partido Comunista, fundado em 1921, em Shanghai (**ver Doc. 13**).

↑ **DOC. 16**
A China republicana (1926-1932)

Quando Sun morreu, em 1925, a China do Sul estava pacificada e era um Estado consolidado. O seu sucessor, o general **Jiang Jieshi** (Tchang Kaichec) combateu os senhores da guerra do Norte (**Doc. 16**) e, em 1928, tornou-se presidente da República da China unificada. As potências ocidentais reconheceram o seu governo, com a capital em Nanking.

Jiang Jieshi (1887-1975)
Militar e político nacionalista liderou o Guomindang depois da morte de Sun Zongshan; foi presidente da República e, em 1949, após a vitória comunista na sequência da guerra civil, retirou-se com o seu governo para Taiwan, fundando aí uma nova República da China.

3.2. O governo de Jiang Jieshi e os comunistas chineses

O governo de Jiang Jieshi era apoiado por intelectuais ocidentalizados, por grandes proprietários rurais e pela burguesia de negócios. Procurou modernizar o país, mandando construir estradas e vias férreas. Com um carácter fortemente nacionalista, o regime instaurado era autoritário, apoiado pelo exército e pelo partido único, o Guomindang. Os comunistas tinham aumentado muito o número de militantes, sobretudo depois das greves operárias de 1925-26. Por isso, Jiang Jieshi rompeu com a URSS e desfez a aliança com o Partido Comunista Chinês; em 1927, foram massacrados muitos comunistas em Shanghai e em Nanking.

Atividades

1. Justifica, a partir da análise dos documentos e do texto explicativo, as afirmações de Mao Zedong.
2. Localiza no mapa (Doc. 16) o percurso principal da “Longa Marcha”.

“

Em poucos meses, os camponeses conseguiram aquilo que o Dr. Sun Zhongshan queria, mas não conseguiu, nos quarenta anos que dedicou à revolução nacional.

[...] Se o Partido, quando é constringido a romper com a burguesia, não trava contra ela uma luta armada e dura, pode igualmente desagregar-se e a revolução caminhar para o malogro.

Mao Zedong

Mao Zedong (1898-1976)
Revolucionário que adaptou o marxismo-leninismo à situação da China, dando origem ao maoísmo; como líder do PC chinês, conduziu-o à vitória e à criação da República Popular da China, em 1949.

“Hipocolónia”
Expressão de Sun Zongshan para designar a situação da China, explorada mas sem a subordinação formal própria das colónias.

O pequeno grupo que criou o Partido Comunista era formado por estudantes e outros intelectuais, além de operários, incentivados pela vitória bolchevique na Rússia, também uma potência asiática. Entre os fundadores do Partido Comunista Chinês contava-se **Mao Zedong** (Mao-Tse-Tung). A situação da China face às potências imperialistas, uma **“hipocolónia”**, favorecia a adesão de muitas pessoas à ideologia marxista.

Os comunistas chineses, embora seguissem os princípios marxistas sobre o papel do operariado industrial, compreenderam que o potencial revolucionário era constituído pelos camponeses. De facto, a grande maioria da população chinesa vivia nos campos e a sua situação tinha-se agravado nos anos de domínio dos senhores da guerra. Assim, um grupo de que fazia parte Mao Zedong, procurou, com êxito, conquistar as massas rurais. Na província de Hunan, em 1927, cerca de dez milhões de camponeses e suas famílias apoiavam os comunistas. Aí foram criadas cooperativas agrícolas e os donos das terras tiveram de baixar as rendas e as taxas de juro (**Docs. 16 e 17**).

Após os massacres de 1927, os comunistas chineses, expulsos dos centros urbanos, retiraram-se para as montanhas da China central. Em 1931, Mao Zedong fundou, no Jiangxi, uma república soviética, organizou um “exército vermelho” e implementou uma reforma agrária.

Em 1932, os comunistas ficaram cercados pelas tropas de Jiang Jieshi e, em outubro de 1934, iniciaram a “Longa Marcha”, de 12 000 km, partindo de Fujian até Yan’an, onde chegaram, em outubro de 1935 (**Doc. 16**). Dos cerca de 100 000 que partiram, apenas 10 000 chegaram ao seu destino. Em 1935, Mao Zedong tornou-se presidente do Comité Central do Partido Comunista Chinês.

	1921	1929
Estados Unidos	89	170
Alemanha	55	117
Reino Unido	?	103
França	61	143
Rússia	13	194
Japão	259	382

Índice 100 em 1913

	1920	1921	1929
Estados Unidos	42,8	20,1	57,4
Alemanha	8,3	9,9	16,2
Reino Unido	?	3,7	9,7
França	2,7	3,0	9,7
URSS	?	0,18	4,7
Japão	?	0,8	2,3
Mundo	71,7	44,6	120,5

← **DOC. 18** (à esquerda)
Produção industrial global

← **DOC. 19** (à direita)
Produção de aço bruto
(em milhões de toneladas)

4. Flutuações económicas dos anos 1920; a grande depressão dos anos trinta

4.1. Crescimento e fragilidades da economia mundial nos anos vinte

A procura de bens de consumo, nos países da Europa ocidental saídos da guerra, pode explicar uma rápida dinamização da economia que se verificou em 1919. Esta procura de bens foi acompanhada de subida de preços (inflação), uma vez que a produção desses bens não era suficiente. A inflação devia-se também aos pesados encargos de reconstrução, aos pagamentos e reparações de guerra e, ainda, ao pagamento de pensões às vítimas.

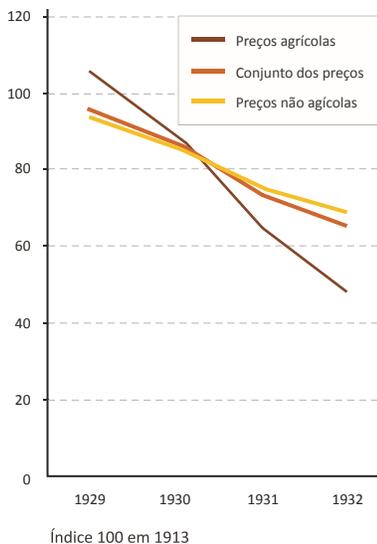
Na Europa central e oriental, o desmembramento dos impérios, com a criação de novos Estados (ver **Doc. 1**, pág. 108), rompeu os circuitos de circulação e abastecimento de que dependiam as indústrias.

Em 1920-1921, os Estados Unidos sofreram uma curta mas grave recessão. As razões foram a queda da procura dos bens de consumo por parte dos europeus, que tinham retomado a sua produção (**Doc. 19**), bem como a redução dos empréstimos e dos créditos à Europa. A queda das exportações americanas provocou desemprego e afetou países dependentes dos EUA, como o Japão e o Reino Unido. Constituiu “uma crise de reconversão da economia de guerra em economia de paz”.

Entre 1922 e 1929, entrou-se numa fase de expansão económica, com ritmos diferentes nos vários países e duas pequenas recessões, em 1924 e 1927. Apesar do crescimento industrial, a economia mundial não deixou de manifestar fragilidades que atingiram alguns países. Um dos problemas foi o elevado número de desempregados, verificado mesmo em períodos de expansão, mas que se revelou mais grave em períodos de crise. Outro problema foi o protecionismo económico nacionalista que, impondo barreiras alfandegárias, dificultou o comércio internacional e o desenvolvimento da indústria mundial.

Atividade

Analisa as tabelas (Docs. 18 e 19). Compara a situação da indústria nos diferentes países, entre 1921 e 1929.



DOC. 20 →
A previsão da crise de 1929

DOC. 21 ↑
Preços nos Estados Unidos
(1929-1932)

Atividade

Analisa a evolução dos preços (Doc. 21). Compara as conclusões que tiraste com as afirmações do autor do documento 20, relativamente à Bolsa de Valores de Nova Iorque.

Crash

Quebra brusca do valor das ações em Bolsa.

Boom

Expansão brusca de uma atividade, geralmente de natureza económica ou social.

Bancarrota

Impossibilidade de um banco ou do Estado cumprirem as suas obrigações financeiras.

Falência

Situação jurídica de um comerciante ou de uma empresa, resultante da falta de condições para saldar as dívidas.

“

O bom tempo não pode durar sempre [...]. Tarde ou cedo vai haver um **crash** e pode ser que seja colossal [...]. Tarde ou cedo o **boom** bolista vai desabar [...]. Vai chegar um dia em que o mercado começará a deslizar pela rampa abaixo; haverá mais compradores do que vendedores e os lucros sobre as ações começarão a desaparecer[...].

Roger Babson, *New York Times*, 6 de set.º 1929

Também a inflação não controlada constituiu um entrave e, em alguns países, levou à **bancarrota**, com a fuga de capitais. O aumento da produtividade de uma agricultura mais mecanizada provocou excesso de oferta e consequente queda dos preços, que se revelou catastrófica.

4.2. A crise de 1929 e o seu impacto no Mundo nos anos trinta

No início de 1929, havia esperança numa época de prosperidade, apesar das incertezas e fragilidades que se tinham verificado nos anos anteriores. Mas nem todos pensavam o futuro com otimismo (**Doc.20**). E, de facto, tinham razão.

Em outubro de 1929, uma grave crise na Bolsa de Valores de Nova Iorque desencadeou uma muito grave crise económica e social que atingiu quase todo o Mundo. O **crash** da Bolsa de Nova Iorque pode explicar-se pela especulação que tinha levado muitos investidores a comprarem ações demasiado valorizadas, relativamente à situação das empresas. Este **boom** foi interrompido quando os investidores puseram à venda um número excessivo de ações que não tinham compradores, baixando, assim, o seu valor. O alarme e o pânico provocaram a derrocada da Bolsa de Nova Iorque, e os depositantes correram aos bancos para levantarem o seu dinheiro.

Os bancos deixaram de poder realizar empréstimos, o que teve como consequência a **falência** de muitas empresas. Por sua vez, também 10.000 bancos acabaram por falir. Com o elevado aumento do desemprego (em 1932, 13 a 14 milhões de americanos estavam desempregados), baixaram os salários, o consumo e os preços dos produtos, que se acumulavam sem compradores (**Doc.21**). O excedente de produção, que fez baixar os preços dos produtos industriais e atingiu ainda mais os produtos agrícolas. Muitos agricultores preferiram enterrar o milho e matar os animais, porque o preço que iriam receber não cobria sequer o que tinham de pagar pelo transporte. Esta crise, que teve início nos Estados Unidos, veio a ter influência sobretudo nos países mais industrializados dependentes da economia americana, como a Áustria,